

Relato Crítico 2 – Documentos sobre a 23ª Conferência Geral do ICOM 2013 presentes no site Fórum Permanente – Ulpiano T. B. de Menezes, Jorge Melguizo, José Wisnik e Mia Couto.

Laura de Medina Barros, nº USP: 7255997.

A Conferência Geral do ICOM é um encontro que é realizado em um país diferente a cada três anos. O tema da 23ª edição é “Museu (Memória + Criatividade) = Mudança Social”.

Durante esta conferência, vários profissionais e professores da área falaram sobre suas ideias e experiências “pautadas na criatividade que tem valorizado o patrimônio cultural, destacando o papel transformador dos museus por meio da memória social”.

A começar pela plenária conduzida pelo Prof.º Ulpiano Bezerra de Menezes. A fala de Ulpiano se dá na relação entre o sujeito/corpo e o museu/obra/objeto e como essa relação, na visão dele, está se esvaindo. Ele fala do ato de interpretar o mundo é dar sentido a este. O professor apoia e defende o corpo, os sentidos e a faculdade da percepção como condição primária da mediação sujeito-objeto/mundo (tanto na vida como ser vivo quanto na vida em sociedade). Em seguida segue defendendo que a mediação dessa relação, o objeto, é algo material, tátil, a própria matéria – A matéria condiciona a vida biológica e psíquica.

O professor problematiza a situação do museu hoje com o que está em voga, advindo da cultura ocidental (da qual polariza a razão da emoção, do pensamento lógico do pensamento intuitivo e etc.). E esta cultura acaba por hierarquizar (sem razão) que põe a concepção (legitimada pela centralidade da palavra, do texto, da ideia, do conceito) acima da percepção (sensações, informações trazidas pelos sentidos), essa hierarquização vem da crença que o que nos diferencia dos animais (irracional) é a razão. Isso recai nos museus no sentido de que este supostamente não está cumprido sua função (para o professor a função seria de dar sentido ao mundo enquanto sensível, de acordo com a antropóloga Mary Douglas, citada pelo por ele). As instituições museológicas ao invés de se preocupar em realizar seu potencial, parecem se perder em debates sobre informações e desmaterialização do acervo. Vindo daí a expressão “efeito museu” que significa retirar os objetos de sua vida anterior (sua trajetória como mediador de relações humanas e seu caráter material) e dando-lhe um conjunto de significações abstratas.

O professor Ulpiano em sua palestra trava uma luta entre essa desmaterialização (em quaisquer museus, inclusive os de arte). Ele implica com essa arte “nova” que é na base do conceito, na base de ideais abstratas, que o objeto em si não importa, mas a ideia que dele emana que fora imposta, colocada pelo artista.

Ele também fala da memória, do resgate a ela (ao que me parece seria falando mais especificamente de museus e experiências de patrimônio histórico e menos do puramente artístico). Ele fala da diferença entre os dois tipos de memória de interesse, a memória textual (a memória sobre as coisas, coisas esta vistas de fora) e a *experencial*/sensorial (é a memória das coisas, dada pela experiência, do fazer). Para o professor Ulpiano somente a primeira é que dada a atenção, que é a mais frisada, a mais

buscada (no âmbito do patrimônio), mas é a segunda que deve ser recuperada pela prática museológica, assim os museus deixariam de ser vitrines da memória alienada e passariam a se tornar agentes e produtores de uma memória viva das coisas (tornando o museu mais dinâmico? Mais aberto a várias interpretações da memória, da história?).

Parece-me que aparentemente o professor Ulpiano quer resgatar algumas coisas do passado, que já passaram no caso da arte, nos museus de arte, mas creio que ele quer é problematizar, trazer também o outro lado (percepção, sensação, a experiência). Creio que o professor quer deixar o espectador que hoje é passivo (principalmente em museus de História ainda, mas mesmo nos de Arte) para um espectador ativo, que deixaria de ser um mero espectador, mas um dos personagens que contribui com a memória (coletiva).

Seguindo com a palestra do comunicador social e jornalista Jorge Melguizo intitulada “O que deveria acontecer na saída de um museu? - Museus, culturas e sociedades”. Melguizo começa abordando uma experiência em sua cidade, Medellín, que foi modificada, de cidade violenta, para uma cidade mais pacífica. Isso com atitudes e ações conjuntas do governo com a sociedade civil, com mais investimentos na educação e cultura, o museu entrando nesse meio.

Depois ele começa a abordar o tema em si pensando em o que um visitante pensa: antes de entrar num museu, durante e depois. Antes de entrar num museu a maioria dos visitantes não sente confiança em entrar no museu, por exemplo, pelos motivos de “por se sentirem intimidadas, por não saber o que se espera delas ou o que fazer diante de cada obra, enfim, por não poderem intuir o que os museus contêm”. Mas Melguizo crê que a melhor abordagem é justamente pensando não como os possíveis visitantes pensem ou sentem antes de entrar no museu, mas sim depois de sair dele. Para isso em sua opinião o museu tem que passar por uma reformulação geral e radical.

O museu precisa trazer questionamentos sobre sua realidade, sua história, sua sociedade, sua cultura; em vez do museu ficar preso aos relatos oficiais, à História oficial, ele precisa é centralizar suas narrativas nas pessoas, nos indivíduos, fazendo com que o museu se torne espaços de atividades culturais, de entrada livre, que suas exposições sejam geradoras de questionamentos sobre a realidade em processos de construção de novas narrativas transformadoras da sociedade. Ou seja, um museu ativo na comunidade onde está localizado.

O museu, mais uma vez, inserido em seu meio, mas não alheio a ele, mas fazendo parte, questionando o que está a sua volta, dando escopo para as pessoas que o visitam possa pensar sobre suas vidas e terem parâmetros para modificá-la, tanto individualmente como em sociedade.

Mais uma vez em concordância com o texto já citado acima do Ulpiano, “O Museu de Cidade e a Consciência de Cidade”. E faz lembrar-me das aulas em que foram abordados os museus com suas paredes livres, de vidro, para seu entorno, deixando a cidade entrar dentro do museu. Essa é uma forma “física” de se fazer, pelo meu entendimento, Melguizo, propõe a mesma coisa, mas conceitualmente, de forma curatorial com o acervo.

Falando em curadoria, Melguizo, também aborda esse aspecto. Para colocar essas coisas em prática, tem-se que pensar no papel do curador, na curadoria, em quais curadorias tem que ser feitas para alcançar esse intento: *“para criar novos conceitos e modelos de museus que ampliem seu sentido para o público, para a promoção das reflexões sobre a construção da cidadania, de projetos éticos de comunidade, para inserção de discurso político em seu fazer cultural e artístico”* [5].

A próxima fala é de José Wisnik, um dos curadores do Museu da Língua Portuguesa que se localiza nos andares superiores do prédio da Estação da Luz (uma estação antiga que continua a funcionar como estação de trem da CPTM e do Metro). Ele é curador do terceiro andar onde tem uma espécie de “vídeo instalação”, digamos, onde se tem poemas e prosas declamados em conjunto de música e vídeos.

Em sua apresentação Wisnik apresentou alguns exemplos do que é mostrado nesse andar do museu, ele mostra alguns trechos. Ele fala que nessa seção, de duração de 20 minutos, começa com uma referencia a um poema de Carlos Drummond de Andrade “Procura da Poesia”.

O primeiro módulo que Wisnik mostra é do poema de Aroldo de Campos e depois com um duo do grupo de embolada, do Nordeste, Caju e Castanha, onde o poema declamado e o duo brincam com as palavras, com sua sonoridade.

O segundo módulo é constituído do poema (que aborda uma crítica da época, da Bahia) de Gregório de Matos, do séc. XVII sendo declamado por um rapper paulista “Hobin Hood”, dando uma atualizada nesse poema para a realidade da cidade de São Paulo.

O terceiro módulo tem um poema do simbolista Augusto dos Anjos associando com o sambista Nelson Cavaquinho com sua vertente melancólica e pessimista e o teatrólogo Nelson. O módulo fala da questão do amor, da não redenção pelo amor. O poema se junta com o samba do Nelson Cavaquinho e com a fala do teatrólogo “O homem nunca aprenderá a amar até o fim dos tempos. E que está tão despreparado para amar agora e para sempre como estava em Adão e Eva. Nunca saberemos a amar”. Essas falas aparecem na voz do próprio Nelson Cavaquinho com seu samba, do músico carioca, da zona norte, Guinga e o poema é falado pela cantora pop Zélia Duncan.

O quarto módulo fala de um dos poemas da série Navio Negroiro de Castro Alves. Esse poema foi declamado pela atriz negra (pouco conhecida, do Teatro Oficina) Denise Assunção, fez uma leitura pessoal, crítica, intuitiva. Ela meio que tomou por si o poema. Ela declama pronunciando cada sílaba, dando uma ênfase ao poema que se perdeu no tempo, trouxe para o presente o poema. Ela lê também de forma realista, mas em contraposição de forma como se fosse uma história miraculosa, mítica, imaginaria como se fosse uma babá contando para uma criança.

O quinto módulo contém um texto da Clarice Lispector, “O Ovo e a Galinha” e o poema “O Ovo da Galinha” de João Cabral de Melo Neto colocados em contraponto. O primeiro texto mais enigmático, o enigma do ovo e da galinha, o enigma da maternidade, o feminino. O segundo é *“um texto do homem que domina o ovo como um objeto em sua mão que ele pode contemplar, em última instância, o ovo tem a potencia de um projétil com um jato”* ^[6] com a alusão e imagem do ovo como se fosse um objeto fálico. O segundo texto foi lido por Arnaldo Antunes (poeta e artista pop), o primeiro texto foi lido por uma mulher trabalhadora “anônima”, uma empregada doméstica. Como Clarice tem o livro “A Hora da Estrela” onde a personagem principal é uma trabalhadora nordestina pobre, é como se quem declamasse o texto de Clarice fosse a personagem de Clarice, Macabéia.

Essa fala parece que o museu da Língua tem em seu mote é mostrar a Língua Portuguesa em sua completude e desmistificá-la, trazê-la ao chão, às mãos, trazer mais próximo às pessoas a riqueza da língua, e não colocá-la em um pedestal que a forma culta da língua já o faz. É trazer essa forma culta da língua mais próxima de nós, como foi dito, desmitifica-la.

A última palestra, encerrando o evento, foi do escritor moçambicano Mia Couto que começa sua fala dizendo que não é um entendido do tema do encontro, museus, que é tão somente um visitante de museus e que ali irá relatar sua própria experiência e

discorrer sobre a questão do tempo e do museu juntos. Ele comenta que quando vai a um museu, prefere evitar guias e olhar, ver as obras por si só, *“a fim de experimentar um olhar ingênuo para as coisas, sem a mediação do conhecimento, para assim de visitante tornar-se um viajante. Isto é, para escapar a uma relação ordenada com o tempo em favor de uma liberdade temporal, desfrutada apenas por aqueles que sabem errar ao sabor do tempo.”*^{[7],[8]}.

Mia Couto aborda seu tema sob a forma de relatos, memórias, histórias. Ele começa com a história do surgimento do primeiro museu, na época babilônica, arqueólogos descobriram um lugar, uma sala, onde havia objetos, objetos que estavam organizados e catalogados. A “curadora” deste museu era a princesa, filha do último rei babilônico, que também era sacerdotisa de Nana, deusa da lua, que se ocupava dos ciclos do tempo. Mostrando assim que o museu surgiu como um templo, um templo do tempo. Mia Couto discute essa faceta do museu ser templo, ele critica essa visão e prática dos museus. O museu não deve ser um templo do tempo *“pois não devem ser lugar de culto, mas de cultura, isto é, de invenção. E isso porque, o museu, ele também, é uma entidade viva, a ser reinventar constantemente.”*^[8].

Depois ele conta uma história de sua infância, onde na cidade onde ele nasceu não havia museus, mas de certa forma ele “visitara” um. Quando ele era pequeno ele era obrigado a acompanhar a mãe nas visitas a sua vizinha, uma portuguesa viúva que tinha ido morar lá para ficar mais próximo de seu filho que lutava pelas Forças Coloniais. Nessa casa escura, com uma carga emocional forte, havia um grande armário cheio de gavetinhas. Ele observava a viúva abri-las e fecha-las como se checassem se tudo estava ali conforme deixara. Ele começou a nutrir uma curiosidade imensa em saber o que se guardava nessas gavetas, pensava em abri-las, mas não teve coragem e nem oportunidade para executar seu intento. Então um dia, a viúva bate em sua porta desesperada, o carteiro passou, contudo não chegou a carta que sempre vinha de seu filho, ela temia pelo pior. Sua mãe e ele vão até a casa da senhora que num gesto abriu todas as gavetinhas e espalhou seus conteúdos em cima da mesa, então, enfim, o pequeno Mia podia ver o que enfim era guardado naquelas gavetinhas. Eram coisas miúdas, pedaços de brinquedo, botões velhos, pequenos pedaços de linha. A mãe dele perguntou à vizinha *“para que servem essas coisas?”*^[7], ela respondeu como se a pergunta não fizesse sentido *“Para que servem essas coisas? Para que servem guardadas”*^[7]. No momento Mia não entendeu esse diálogo. Só mais tarde Mia entendeu *“que ali, pela primeira vez, estava a visitar um museu: pois não era a viúva que guardava aqueles objetos, mas os objetos que guardavam a viúva. Aquela casa e seus objetos era um Templo de um tempo viúvo”*^{[7],[8]}.

Depois ele conta da fundação do Museu da Revolução em Moçambique, que fora criado por coreanos (museólogos)! Ele conta que estava ele em uma aldeia que era pouco conhecida quando um caminhão com coreanos chegaram falando da criação do tal museu perguntando onde o “herói” da revolução tinha vindo o povo da aldeia disse que dali, os coreanos perguntaram onde ele havia dormido, comido, etc, o povo da aldeia respondia que era naquela cama (onde Mia dormira), naquela mesa (onde Mia havia feito suas refeições) e etc. Quando o caminhão terminou de pegar as coisas e se preparavam para sair dali, as pessoas da aldeia pediram para leva-los consigo, sendo que já estavam entrando no caminhão. Os coreanos deixaram. Os aldeões insistiram e convidaram Mia a se juntar a eles, e acabou por ir junto. Pouco tempo depois os aldeões desataram a rir, achando graça que tudo aquilo era mentira, aquelas coisas não tinham pertencido ao “herói” da revolução, mas eram coisas velhas e apodrecidas, e o que eles queriam mesmo era conhecer a cidade! Depois de um tempo, quando Mia foi visitar o tal museu (sabendo que aquelas coisas que os coreanos tinham pegado não estariam ali)

viu no muro externo uma pintura retratando os acontecimentos da revolução, mas era estranho e bizarro. As figuras não pareciam com os moçambicanos, eram como coreanos de pele mais escura! Até tinham olhos amendoados. Mostrando que aquele museu era um natimorto, ou seja, tinha nascido morto, era um museu sobre a revolução feito por estrangeiros, não havia sido feito pelas pessoas que passaram por aqui, pelos próprios moçambicanos. Ou seja, a história dos moçambicanos contada por outrem.

Essas histórias ilustram o que Mia Couto discute. *“Não é o museu que guarda os objetos, mas antes fabrica por meio da acumulação e da ordenação destes objetos um tempo individual e coletivo, escava uma interioridade em nós. Por isso, ao irmos a um museu o que vemos não são objetos, mas a nós próprios”* [8]. No entanto o museu não é reduzido somente ao prédio, à estrutura física, mas *“indo ao encontro da poetisa portuguesa Sofia de Mello, nos faz entender que o museu é um lugar, lugar qualquer onde se cruzam e se tecem memórias e invenção: seja o entorno de uma mesa onde a família se reúne para uma refeição, seja o cemitério de uma cidade ou ainda a cultura oral de um povo.”* [8]. Por conta disso, vemos que a criação do museu não pode seguir um único modelo, dado que se museu esta ligado ao tempo, conta suas histórias através e por intermédio do tempo, e o tempo de cada cultura e de cada tradição deve ser o que o impulsiona. A diferença de cada narrativa que pertence a cada povo é uma diferença de tempo, *“pois narrar é, antes de tudo, um modo de habitar o tempo”* [8]. Retomando, o museu também não pode ser um simples templo do tempo porque o museu também é uma entidade viva que é (e deve) ser reinventada constantemente. Pois o museu aborda sobre a vida, seja num museu de história (o nosso passado), de história natural (a flora e a fauna existentes e as extintas), de arte (a vida, a morte, nós mesmos, eventos históricos, a própria arte, etc) de diversas culturas e povos. E essas culturas e povos mudam com o passar do tempo, os conceitos, as formas de ver o mundo a sua volta mudam, as problematizações, as questões a serem abordadas e discutidas mudam com o tempo. Não é possível um museu que fique para no tempo.

“Por isso, nos alerta Mia Couto, se queremos fazer com que os museus fiquem mais próximos das pessoas e participe da construção da cidadania, deveríamos estar menos preocupados com o uso da tecnologia, e mais com a afirmação do direito à diversidade dos tempos. O impasse não é de ordem técnica, mas ético cultural, isto é, de soberania sobre o nosso tempo. O museu deveria, portanto, afirmar o direito à diversidade dos tempos, a nossa capacidade de inventamos nosso próprio território subjetivo, individual e coletivo” [8].

Bibliografia

[1] Vídeo da Palestra de Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes:

http://www.forumpermanente.org/event_pres/encontros/icom-2013/videos/o-museu-e-a-condicao-humana

[2] Relato Crítico da Palestra de Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes:

http://www.forumpermanente.org/event_pres/encontros/icom-2013/relatos/o-museu-e-a-condicao-humana-o-horizonte-sensorial

[3] Menezes, Ulpiano Toledo Bezerra de, “O museu de cidade e a consciência de cidade”. *Anais do Seminário Internacional Museu & Cidade*, Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, (2004)

[4] Vídeo da Palestra de Jorge Melguizo:

http://www.forumpermanente.org/event_pres/encontros/icom-2013/videos/o-que-deve-acontecer-quando-voce-sai-do-museu

[5] Relato Crítico da Palestra de Jorge Melguizo:

http://www.forumpermanente.org/event_pres/encontros/icom-2013/relatos/criatividade-para-superar-as-diferencas

[6] Vídeo da Palestra de José Wisnik:

http://www.forumpermanente.org/event_pres/encontros/icom-2013/videos/jose-wisnik

[7] Vídeo da Palestra de Mia Couto:

http://www.forumpermanente.org/event_pres/encontros/icom-2013/videos/os-tempos-que-ha-no-tempo

[8] Relato Crítico da Palestra de Mia Couto:

http://www.forumpermanente.org/event_pres/encontros/icom-2013/relatos/os-museus-sao-templos-do-tempo